

LITERATURA "DE SENSAÇÃO" ¹

— FERNANDO BUFALARI ²

INTRODUÇÃO

No ano de 1860, a serialização de *A Mulher de Branco*, de Wilkie Collins, chega ao fim, assinalando a gênese do subgênero do gótico vitoriano conhecido como “romance de sensação”, um fenômeno literário posteriormente sedimentado por *East Lynne* (1861), de Ellen Wood, e *Lady Audley’s Secret* (1862), de Mary Elizabeth Braddon. Sempre oscilando entre o apreço popular e a aversão dos críticos, os romances de sensação recorriam a diversas técnicas narrativas para prender a atenção dos leitores, apresentando enredos recheados de reviravoltas, segredos, enigmas, trocas de identidade, bigamia e outros tantos crimes. A princípio, entretanto, a crítica não possuía um termo específico para se referir a esse conjunto de obras que emergia e se espalhava pelos periódicos ingleses e pelas bibliotecas circulantes; isso mudou com a publicação anônima de “‘Sensation’ Literature”, em 1º de novembro de 1861, no *Saunders, Otley & Co.’s The Literary Budget*. Em termos nada lisonjeiros, o *Literary Budget* associou o elemento “sensação” ao que havia de pior na literatura e naquele tempo histórico, argumentando que a sociedade da época preferia empolgação à verdadeira beleza, assim minando seu próprio discernimento estético enquanto negligenciava as melhores produções já escritas. Ainda que os autores e autoras associados ao termo não o apreciassem, foi o epíteto “de sensação” que passou a classificar diversas publicações nos anos seguintes, sendo empregado pela crítica até hoje, inclusive para designar uma parcela da ficção neovitoriana.

TRADUÇÃO

Devemos o epíteto “de sensação” à vulgaridade franca ou imprudente dos americanos. O termo pretende expressar a qualidade que desperta e gratifica a empolgação constitucional daquela nação na arte, nos acontecimentos, nos entretenimentos, na política e nos eventos sociais. Até agora, não tínhamos qualquer expressão semelhante na Inglaterra, pelo único motivo de termos evitado qualquer debilidade associada ao reconhecimento de que precisamos dela. No entanto, pode-se questionar se a característica que fez surgir o termo não se originou entre nós, ao invés de entre os americanos. É

[1] Autoria: Anônimo. Referência completa: “Sensation” Literature. *Saunders, Otley & Co.’s The Literary Budget*, n.1, 01/11/1861, pp. 15-16.

[2] Fernando M. Bufalari é doutorando pelo Programa de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (USP), com mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês (2018) pela mesma instituição. Concluiu bacharelado em Direito (2022), bem como bacharelado e licenciatura em Letras: Português e Inglês (2014), na USP.

um hábito deles, depois de terem superado nossas falhas, exibirem-se com complacência, caricaturando-as. É possível que haja certa indecência em uma nomenclatura para defeitos que se estabelece a partir de um alegre autointerrogatório; mas, em todo o caso, ela tem a vantagem, ainda que nenhum mérito, de dar a notoriedade de um nome a algo que, de outra forma, poderia escapar da crítica, e de levantar para a velha nação um espelho que ela própria, talvez, jamais levantaria.

A geração atual pode atribuir a propensão nada invejável que nos propomos a observar, em grande parte, à sua pressa e às suas preocupações. Ela está repleta de projetos e clama a plenos pulmões por rapidez. Ela tem pouco tempo livre e o pouco que tem é usado de má vontade. Ela não consegue aproveitar os prazeres lenta, calma ou sobriamente, no fluxo uniforme da satisfação gradual. A hora do trabalho está sempre próxima e o que deve ser feito em termos de relaxamento o deve ser rapidamente. Um estadista de alto escalão, ou um advogado proeminente, levanta-se com o alvorecer, ou antes dele, para escrever suas cartas particulares ou revisar seus casos até a hora de um café da manhã precoce. Entre esse momento e seu primeiro compromisso em Downing Street ou Lincoln's Inn, restam, talvez, apenas trinta minutos livres, que ele pode dedicar a atividades físicas. Ele os gasta com alguns galopes apressados para cima e para baixo em Rotten Row. Há cinquenta anos, um representante de sua classe teria se levantado em um horário mais conveniente, teria concluído a parte de seu trabalho não relacionada ao Parlamento, jantado e digerido sua refeição antes das quatro horas e, depois de um longo e vagaroso intervalo, gasto em alguma recreação apropriada para o seu porte físico, tomaria seu lugar na Câmara, descansado e bem-disposto. Viajamos muito a trabalho e a lazer, e nós, que fazemos parte da nova geração, fomos criados para a rapidez desde o nascimento. No entanto, o homem que tem idade suficiente para se lembrar das malas-postas e das velozes carruagens do correio, e que poderia muito bem se contentar com amostras mais moderadas de prontidão moderna, pode ser ouvido resmungando a 35 milhas por hora, insistindo que as empresas ferroviárias abusam de seu monopólio para diminuir a velocidade dos trens. O comerciante que vive sabiamente ao ar livre, a cerca de 15 ou 20 milhas da poeira e do confinamento de seu escritório, aflige-se quando, manhã após manhã, seu trem expresso passa por uma estação intermediária e o seu relógio revela que ele está alguns segundos atrasado em relação ao horário habitual. Os que frequentam o teatro não conseguem mais se ocupar do drama legítimo e bocejam com a marcha lenta de uma das histórias de Shakespeare. Eles exigem algo mais rápido e breve, com um incidente emocionante em cada ato e uma situação empolgante em cada cena.

Ninguém lê épicos; o que há de melhor em cada língua é deixado sem uso nas prateleiras de milhares de leitores que destroem seus próprios gostos com lixo empolgante, simplesmente por não terem paciência para prazeres mais prolongados. As obras de Milton, Dante, Spenser, Tasso, Chaucer ou Ariosto não seriam comercializáveis senão pela tenacidade com que os livreiros lançam exemplares belamente encadernados no caminho de compradores com pressa de encontrar um presente, sem se importarem com o que estão comprando. Entre nós, há um poeta cujos poemas breves e mais empolgantes são lidos em detrimento de seus esforços mais extensos e de maior qualidade, mas que poderia ter escrito o, há muito postergado, *Épico do Rei Arthur* se tivesse sido encorajado por sua geração. Ele viveu para ouvir os críticos literários mais conhecidos de seu tempo lhe agradecerem categoricamente por tê-los poupado do transtorno de um poema prolongado e por ter-lhes dado, no lugar, apenas os fragmentos selecionados dos clímaxes que deveriam ter adornado o curso da epopeia. O resultado é que temos apenas cinco nobres pilares de um templo, cuja conclusão nós mesmos proibimos ao seu criador. Está na moda dizer que o Sr. Tennyson é incapaz de compor, e que não vai elaborar, um grande poema; e o adágio tem se tornado gradualmente verdadeiro. Entretanto, é mais provável que a responsabilidade por sua carência de poderes compositivos recaia sobre uma época impaciente, que o convocou para poemas curtos e empolgantes, e não porque haja uma falha em sua genialidade ou limite para a engenhosidade de um homem que concebeu e particularizou as personagens do Rei irrepreensível, de Lancelote, Elaine, Guinevere, Bedivere e Mordred, e que poliu os versos de "A Morte de Artur" e dos quatro "Idílios do Rei".

Os poetas mais estáveis do século XVIII apenas se saíram um pouco melhor do que os elisabetanos, que foram completamente descartados. Pode-se perdoar uma geração que não vê valor em Cowper, mas é um pecado irredimível contra a genialidade banir Dryden, Pope ou Thomson dos domínios do bom gosto. E, ainda assim, quem conhece a "Ode para o Dia de Santa Cecília", ou "Safo a Faonte", ou "O Messias", ou mesmo "O Banquete de Alexandre"? Existem ao menos dez homens morando à distância de uma caminhada ou galope de Richmond que sequer pensaram em ler "A Primavera", "O Verão" ou "O Outono", nesse parque que, sem afetação, originou tais versos? Há mais amor pela beleza por si mesma na literatura entre meninos na escola do que entre homens adultos. Os primeiros têm a hora de brincar, eles desfrutam o ócio, e sua empolgação, ainda que seja mais barulhenta, é mais saudável. Ela não é "de sensação". Assim como Molière usava os tremores de sua governanta como um barômetro

para seu próprio humor, um poeta poderia muito bem se justificar na escolha de meninos e meninas como seus juízes. A mera beleza não tem uma chance justa no mundo adulto.

Assim como ocorre com os nossos Poetas, ocorre com os nossos Romancistas: e talvez seja nos romances que a distinção entre interesse e empolgação, afeição apreciativa e sede por “sensação”, possa ser definida com maior agudeza. Recusamo-nos totalmente a ler quaisquer histórias anteriores às do período de transição monopolizado por Scott, e, dentre suas obras, aquelas que caíram especialmente no gosto popular são as que melhor fornecem o elemento “de sensação”. Para a grande massa de leitores, “Waverley” é superior a “Os Puritanos da Escócia”, como “Guy Mannering” é superior a “Waverley”, “Ivanhoé” a “Guy Mannering”, e “A Noiva de Lammermoor” é superior a todos os demais. Não é difícil perceber como, ao longo dessa série, a empolgação aos poucos substitui o interesse, que é quase extinto na última obra. É dificilmente um exagero dizer que não há nada que possa ser adequadamente chamado de interessante em “A Noiva de Lammermoor”. A história é uma mera cavilha para o acontecimento final e o livro em si não passa de um prefácio à “sensação” das últimas páginas. Talvez, afinal, “Ivanhoé” seja mais amplamente lido e legitimamente amado que os demais. No entanto, pode-se questionar se seu sucesso não depende mais da “sensação” despertada pelo Cavaleiro Negro, provando ser Coeur de Lion e Locksley Robin Hood do que dos méritos maravilhosos do enredo principal, sua riqueza pródiga de detalhes, a variedade de força e consistência de suas personagens e sua localidade pitoresca.

Entre todos os autores de prosa vivos, o homem que menos se rende à “sensação” e que, portanto, mesmo que não chegue a ser um gênio absoluto, ainda merece infinitamente a simpatia de sua geração, é o Sr. Kingsley. Ao lado dele, mesmo que apenas por causa da beleza de “Esmond”, estamos dispostos a colocar o Sr. Thackeray. No mais extremo do polo oposto de método e mérito se situam, em proeminência não invejável, o Sr. Wilkie Collins e o Sr. Shirley Brooks. Eles são típicos romancistas “de sensação”, e pode-se acrescentar que não são nada além disso. Como histórias, seus livros são absolutamente desprovidos de mérito. Suas personagens não são homens e mulheres e seus acontecimentos são tão anormais quanto as personagens que transitam por eles. “A Mulher de Branco”, por exemplo, pode ser comparado àquelas circunvoluções de caneta e tinta com as quais os meninos costumam se entreter para passar o tédio das horas escolares, os chamados jogos de labirinto. Tirando a complexidade, eles são desprovidos de valor. As linhas que formam o labirinto podem ter qualquer espessura, cor, forma, número ou disposição, de modo a servirem de barreiras para obstruir ou de curvas para induzir em erro a ponta do lápis que está sondando o seu interior.

Flagrantemente “de sensação”; iniciado, continuado e prolongado com o único objetivo de criar e intensificar uma empolgação febril que seu último capítulo irá satisfazer; a particularização dos acontecimentos ou das personagens, em tal romance, é tão importante quanto o que há no exterior de um labirinto. “O que ele fará com isso?” é a única pergunta que o progresso de tal história sugere. O leitor é instigado a seguir em frente apenas pela ansiedade de saber o final. Quem pode dizer que tais livros fazem algo além de empolgar? Um único leitor já se levantou da leitura de qualquer um deles com outro sentimento? Para testar essa indagação: “A Mulher de Branco” já foi lido duas vezes pela mesma pessoa? Ou há alguém que, tendo a solução do labirinto, pensaria que vale a pena fazer o percurso? Em outras palavras, o livro suportaria ser lido de trás para frente? E, se não, por que não? Simplesmente porque, uma vez que a empolgação termine, ele não serve para nada além da cesta de lixo ou da parte inferior da grelha. É uma casca de ovo, um jornal de ontem, uma laranja chupada, uma pilha de folhas secas no outono, um almanaque do ano passado, sal sem sabor. Ele não poderia gerar uma segunda pulsação; sua “sensação”, uma vez sentida ou antecipada, se vai para sempre.

É a mesma coisa com o Drama. Reclamamos que os atores de tragédia contemporâneos não conseguem performar Hamlet ou Lady Macbeth, que os nossos comediantes não conseguem interpretar Malvólio, Dogberry, Rosalinda ou o Duque de Gloucester. Talvez não consigam mesmo. Mas é preciso lembrar que ensinamos o Sr. Kean a interpretar “Os Irmãos Corsos”, e advertimos repetidamente o Sr. Robson, a quem primeiro desprezamos por cantar “Villikins e sua Dinah”, contra tentar voos mais altos que “Enredo e Paixão” ou “O Nó de Carregador”. No melodrama composto por dois duelos fatais, um *bal masqué*, duas assombrações e uma moral sobre vingança, não há, provavelmente, muito mais “sensação” do que em “Hamlet” ou “Macbeth”; porém, os dois dramas shakespearianos oferecem algo a ser estudado e subordinam a empolgação ao verdadeiro interesse humano. Assim, a sociedade se agarra ao prazer inferior e, *mutatis mutandis*, aplica o mesmo princípio de preferência entre comédias que venham a ser contrastadas.

Temos dois romancistas que tiveram a sorte de começar suas carreiras literárias em uma época com mais bom gosto que a atual, mas que caíram no erro de prolongar suas popularidades à custa de seus renomes. Ao contrário do altivo dramaturgo ateniense que se retirou de seu país ao sentir que estava saindo de moda, ou do italiano Rossini, que se recusa a publicar suas composições para uma sociedade que o insultou ao chamar o sensacionalista Verdi de seu rival, o Sir Edward Lytton e o Sr. Dickens têm sido demasiado relutantes em ceder seus lugares a uma raça de autores mais nova e

inferior. Eles optaram por se manter em uma competição na qual seus esforços têm sido um declínio e seus sucessos uma degradação. Invertendo a nobre paráfrase de Tennyson, eles têm descido os degraus construídos com suas identidades mortas rumo a coisas inferiores. Porém, é justo dizer que a decadência de Sir E. Lytton começou muito mais recentemente do que a do Sr. Dickens. O humor sincero e a narrativa genuína de “Oliver Twist”, “As Aventuras do Sr. Pickwick”, “Nicholas Nickleby”, “Martin Chuzzlewit” e “A Loja de Antiguidades”, comparados à empolgação rapsódica de “Dombey”, “A Pequena Dorrit” e “A Casa Soturna” – ou as narrativas polidas e bem-elaboradas de “Rienzi”, “Os Últimos Dias de Pompeia”, “O Renegado”, “Os Peregrinos do Reno” e “Noite e Dia”, postas em contraposição a “Os Assombrados e as Assombrações” e o mistério mesmérico de “Uma História Estranha”, pelo menos até onde sua publicação chegou –, mostram, respectivamente, tal contraste entre um presente rebaixado e um passado valoroso qual Hamlet ao censurar sua mãe quando ordenou que ela olhasse para os retratos de seus dois maridos.

Pode-se dizer que a saciedade tem tanto a ver com o amor pela empolgação quanto com essa degradação da literatura e do gosto público. Se isso for verdade, seria apenas outra maneira de expressar o crescimento da tendência da “sensação”. É certo que estamos inundados de Poesia, Ficção, História e Drama. Conceda que seja necessário não apenas selecionar o que há de melhor entre eles, mas, do melhor, extrair o elemento que enseja a qualidade superior. Por que essa qualidade é invariavelmente a empolgação ou, como temos chamado, a “sensação”? Por que apenas raramente, ou nunca, é a beleza? A beleza de “As Estações”, de “Sonho de uma Noite de Verão”, de “O Mercador de Veneza”, de “O Messias”, de “Childe Harold”, de “A Revolta do Islam”, de “Waverley”, de “Ivanhoé”, de “Os Últimos Dias de Pompeia”, de “Rienzi”, de “Esmond”? Por que desprezamos amplamente aquele que é o mais puro e saudável de todos os prazeres, a apreciação do Belo na arte escrita? As narrativas mesméricas são um descanso para o cérebro, ou será que as vilanias fraudulentas de Conde Fosco, ou o heroísmo fanfarrão e empavonado de Fabien dei Franchi, consolam o coração? Existe uma única personagem em “Grandes Esperanças” que ofereça um estudo verdadeiro da natureza humana? Sequer pedimos que o estudo seja salutar; mas há, ao menos, algum estudo? Existe uma lição de moral ou uma passagem de verdadeira beleza em “O Cordão de Prata”? Uma infusão apropriada de empolgação não é apenas perdoável, mas essencial tanto para o drama quanto para o romance e para a épica: ela entra em grande parte nas composições dos melhores modelos de cada um desses gêneros; digamos, em “Hamlet”, “Ivanhoé” e “Paraíso

Perdido”. Mas a empolgação não é o único objetivo ou o único mérito das produções mais nobres, mesmo que mentes de baixo calão possam procurar avidamente por esse único elemento. Se fosse possível analisar o método da Genialidade, talvez haveria como demonstrar que, tendo escolhido e organizado seu acontecimento, isto é, tendo composto os contornos de seu enredo – e, aqui, podemos observar que em todos os enredos deve haver complexidade, valor e empolgação –, um autor seleciona, particulariza, agrupa e opõe uma quantidade suficiente de concepções sobre o caráter humano para agir e sofrerem de maneira viva, honesta e humana, de acordo com suas índoles e constituições morais, através dos acontecimentos de seu enredo. Tal obra de arte é ética, estética e empolgante, tudo ao mesmo tempo, com os três elementos em harmonia artística. Essa é a única combinação em que o gênio pode trabalhar dignamente, ou com a qual a sociedade pode ser benéfica ou inocentemente gratificada. Tal obra, como a misericórdia, é duplamente abençoada: são abençoados aquele que a recebe e aquele que a concede. Nada além disso merece o nome de Arte. Todo o resto é a presunção do fingimento ou a prostituição do talento verdadeiro: a degradação de um ou a exaltação do outro a uma posição falsa. Autores e leitores devem se lembrar que o gosto e a arte de uma geração se influenciam mutuamente e são, juntos e igualmente, bastardos ou legítimos, falsos ou sinceros, infames ou respeitáveis. Se a Arte for demasiada didática, esteja certo de que a época é muito impassível; se a Arte é demasiada pictórica, sua época é sensível e vã. A primeira conjunção é um defeito apenas no que toca a índole nacional; a segunda, além disso, promove a leviandade social. Mas índole falha, leviandade social e delinquência moral estão todas incorporadas e combinadas na pior de todas as características artísticas que um autor pode cultivar ou uma sociedade exigir: “sensação”.